

dejan al expositor una gran libertad de elección. Con plena conciencia de nuestro cometido hemos llamado a esta colección que inauguran nuestras Facultades de Filosofía y Teología del Colegio Máximo, "STRÓMATA", cuyo primer volumen se abre con "SOCIOLOGÍA Y FILOSOFÍA SOCIAL".

Se inicia la serie de temas sociales de este volumen con un estudio de Alceu Amoroso Lima, actual Rector de la Universidad Municipal de Río de Janeiro, sobre el hombre en su noción pura y en su existencia contingente. Vienen luego elucubraciones específicas de J. Kleinhappl, Doctor en Ciencias Políticas y Profesor de la Universidad de Innsbruck (Austria); del Presidente de la Universidad Nacional de La Plata, Juan C. Rébora, y de Adolfo Korn Villafañe, bien conocido entre nosotros. La justicia social que es estudiada por el profesor austriaco, es analizada y justificada por Rébora en un caso particular, mientras Korn Villafañe la enfoca en una de sus modalidades de actualidad. A continuación, el Presidente del Museo Social Argentino, Dr. Tomás Amadeo, desarrolla con su gran competencia la función social del Sacerdote. La primera parte del volumen responde así al orden humano informado por la justicia en el pleno ejercicio de su dinamismo. Lo social encuentra de este modo su prolongación en lo jurídico. El eminente profesor de la Sorbona y célebre especialista del Derecho Internacional, L. Le Fur, presenta sus reflexiones sobre el fin del derecho, reeditando sus sólidas y brillantes ideas fundadas en una concepción tradicional del derecho natural, al paso que R. Saboia de Medeiros profundiza de lleno en la ontología jurídica. Un estudio copioso y rico de Faustino J. Legón trata la soberanía política en sus aspectos esenciales, encargándose E. Magallanes de presentar sus consideraciones sobre un tema que el año pasado preocupó las cancillerías por iniciativa de la nuestra. Pero el principio de la soberanía está a su vez radicado en principios generales de Ética que al mismo tiempo que lo fundamentan lo limitan y circunscriben. Uno de estos principios éticos tal como se presenta en Santo Tomás, es estudiado minuciosamente por Vicente Alonso, quien brinda así a "STRÓMATA" el primer capítulo de su tesis doctoral defendida con aplauso en la Universidad Gregoriana de Roma. La Sección de Sociología que funciona en la Facultad de Teología de nuestro Colegio Máximo presenta también en este volumen algunos trabajos leídos y discutidos en sus Sesiones y que no pretenden otra cosa que abrir horizontes y definir soluciones.

Son nuestros deseos y esperanzas que la publicación del primer volumen de nuestra colección "STRÓMATA" encuentre una cordial acogida en el público intelectual argentino y extranjero.

ENRIQUE B. PITA, S. I.
Rector.

O Homem Moderno o Homem Eterno

ALCEU AMOROSO LIMA
Reitor da Universidade do Distrito
Federal do Rio de Janeiro

O melhor meio de compreendermos uma época é sempre observarmos o seu *homem representativo*. Pois não basta observar nela o *homem*. Este é de todos os tempos, e ha nele duas faces bem distintas: o que constitue a sua natureza específica e o que constitue a sua particularidade individual, étnica, nacional ou cronológica. A primeira é imutavel e se compõe das duas características fundamentais que distinguem a especie humana das demais especies animais — a razão e a liberdade.

Todos os homens, em todos os tempos e em todas as paragens do mundo, foram e continuam a se distinguir como seres vivos, racionais e livres. Esse conceito, porem, nos dá apenas uma noção generica do homem como especie. Mas não exgota o conceito verdadeiro do homem, que é um ser não apenas abstrato mas concreto, e dotado portanto de características não apenas imutáveis e constantes como essas, mas ainda de outras, variáveis, particulares, efêmeras. E com estas últimas é que se constitue o homem representativo, isto é, o tipo que reúne toda uma serie de individuos. Póde o homem ser representativo de muitas coisas, quer de uma profissão, quer de uma raça, quer de uma classe, etc. O *homem moderno* é o *homem representativo de uma época*. Nele se espelham os sinais distintivos de um determinado momento do tempo, de uma certa sociedade. Pois o homem é sempre o espelho de seu tempo. Mesmo quando imprime ao seu tempo os seus traços individuais. O homem, como criatura racional e livre que é, nunca se limita a refletir passivamente o seu tempo. Quanto mais forte a sua personalidade, mais a deixa gravada em seu tempo, o pelo menos no meio em que vive. Não quer isso dizer que o homem seja tanto mais independente do seu tempo, quanto mais forte a sua individualidade. A inadequação à sua época não é um criterio de superioridade nem de inferioridade. Ha homens inferiores que possuem a idiosincrasia do tempo em que vi-

vem, e que reagem contra ele por misantropia ou por anacronismo. Como ha homnes geniais que exprimem perfeitamente a sua epoca, como Erasmo o Renascimento ou Dante a Idade Media. É certo, porem, que o homem socialmente representativo é antes o homem mediano, como em materia literária são os "minor writers", já dizia Saintsbury, que melhor espelham os traços de uma determinada literatura. O grande homem tende muito a ser um homem de todos os tempos e de todos os lugares, com a natural ambição que os homens têm, à medida que se elevam intelectualmente, de resumirem o universo. O homem de genio, portanto, é geralmente mais representativo da *especie* humana ou quando menos de uma grande familia espiritual, do que apenas de uma certa época histórica.

I. O homem moderno

Ora o que estamos aquí investigando não é o *homem* em si e sim o *homem moderno*, isto é, o homem de nossos dias, que se diferencia do pasado e a ele se opõe. É portanto entre os homens medianos de nossos dias, e particularmente entre os moços, que melhor podemos encontrar os traços que comunicam ao nosso contemporaneo a categoria de *modernidade*, no sentido em que a entendemos.

Para sabermos o que é o *homem moderno* e confrontarmos a sua figura com a do Homem Eterno — devemos começar por advertir que, na realidade, não existe o homem moderno e sim este ou aquele homem moderno, pois cada ser humano é incomensuravel aos demais. O que a caracterologia trouxe de novo e de forte á psicologia, foi justamente procurar certa *individualização* de ciencia da alma humana, que permitisse conservar ao conhecimento do homem, seu caracter científico, sem por isso negar essa característica fundamental do espirito humano, que é a sua *irredutibilidade* a denominadores comuns.

Sempre que falamos no homem ou numa instituição moderna, falamos de um *tipo*, e um tipo é até certo ponto irreal. Para applicarmos o conceito de *homem moderno* a *este* ou *àquele* homem moderno temos que fazer uma transposição de caracteres, seleccionando os que cabem a este ou *àquele* exemplar da especie.

Faço esta advertencia preliminar para prevenir a objeção inevitavel, de que o Homem é uma abstração e de que só os homens são uma realidade. Uma coisa não exclúe a outra, e o Homem existe como existe cada homem em particular, apenas em modalidades diferentes. A *sociedade* tambem tem sua personalidade abstrata, que nem por isso se confunde com a personali-

dade-humana, como esta não se confunde com as *personas divinas*. É mister conservar sempre aos termos a sua plasticidade para podermos reproduzir, até certo ponto, a imensa complexidade das coisas. O homem moderno portanto existe como abstração, mas de modo tão inludível quanto os homens modernos em sua realidade completa. Apenas, como só ha ciencia do geral, temos fatalmente de abstrair para abraçar o real em sua totalidade. O que não quer dizer que não devamos ter sempre em mente a relação continua com a realidade concreta, de que a abstracção é uma expressão superior e geral, e não uma mutilação ou um artifício.

Não só é perfeitamente licito, pois, estudar o homem moderno em sua existencia genérica, mas ainda é necessario para se chegar a algum resultado menos caótico que a simples observação, caso a caso. Para chegarmos, porem, a traçar alguns sinais do que ele é, comecemos por indagar do que ele *não é*.

Já vimos que não é moderno *todo* e qualquer homem de nossos dias, pois o conceito de modernidade não se confunde com o de atualidade. Ha, pois, em nossos dias, homens modernos e homens anti-modernos ou a-modernos. Os *anti-modernos* são aqueles que voluntariamente se opõem à modernidade, e cultivam em si caracteres psicológicos ou idéias distintas, e procuram viver uma vida oposta á do homem moderno. Quanto ao *a-moderno* é o que não se preocupa com essa categoria, e ora coincide com ela, ora dela se afasta, ou por ignorancia ou por displicencia ou por superação, como o Homem Eterno. Podemos ainda acrescentar que a modernidade é uma categoria que succede, em geral, a algum forte cataclisma social, como sejam uma guerra ou uma revolução. Um choque desses provoca na sociedade esse fenômeno típico da modernidade, que é a *procura do novo*. Uma revolução é sempre precursora de uma época *que faz gosto em ser moderna*, pois a revolução coloca o povo em estado de disponibilidade, rompe com o passado, desloca o poder de umas mãos para outras, opera por vezes deslocções de propriedade e exige afinal para sua justificação, que se *renovem* os homens, as leis e as instituições. E essa renovação traz consigo a sêde de modernização a todo transe. As épocas tipicamente modernas, portanto, são em regra épocas que se seguem a *esses grandes cataclismas* sociais, que arruinam as civilizações ou pelo menos substituem os regimes, as classes ou os homens. É o que faz de nossos dias uma época tão marcadamente *moderna*, em contraste com o fim do seculo passado e começo deste nosso — antes dos *acontecimentos* das ultimas décadas — que foi uma época tipicamente a-moderna.

Os homens de nossos dias, que não participam da modernidade da época, são homens até certo ponto fora da época. Como da época eram, ha trinta anos, alguns excentricos que timbravam em ser modernos. O *art-nouveau* de ha cuarenta anos morreu, por ser uma arte moderna numa época não-moderna. Ao passo que a decoraão moderna de nossos días, — que é talvez o que de mais sólido vem criando, em materia de arte, o espirito de modernidade, — é uma

forma de arte que ficará sempre naturalmente adequada à nossa época, e conseguindo mesmo reunir, em torno de suas realizações, tanto os homens modernos como os anti-modernos e os a-modernos. Não antecipemos, porém.

A guerra de 1914 a 1918 provocou um surto imenso de modernidade-pura, isto é, de tendência ao *moderno pelo moderno*. As revoluções posteriores do mesmo modo. Hoje em dia, porém, já notamos nesse terreno uma modalidade diversa. Pois a modernidade pura tende a ceder à modernidade que eu chamaria *dirigida*, isto é, ao moderno pelo moderno, vem sucedendo o moderno por este ou aquele ideal: político, econômico, religioso, etc. Ideal moderno, bem etendido, mas enquadrado, delimitado, dirigido, definido e não apenas cronológico, como é a modernidade em si, que teve o seu surto máximo logo depois da guerra.

Tanto o homem como as instituições modernas, atualmente, tendem a dividir-se em espécies diferentes, partindo todas do mesmo espírito de inovação e repulsa ao passado, mas fixando-se em determinados sulcos, à medida que precisam definir os seus traços próprios: ha o moderno da direita, como o da esquerda; ha o moderno espiritualista e o materialista, e assim por diante. A *categoria cronológica* começa a ceder às *categorias ideológicas*, mais sólidas e constantes.

Nem todo homem de nossos dias, portanto, é moderno, e muito menos tipicamente moderno; eis a primeira observação que podemos fazer em torno do *não é o homem moderno*.

Não é, tão pouco, *moderno*, o que se distingue como *melhor* ou como *peor* de nossos dias. Já vimos que essa categoria é moralmente indiferente, em si; se bem que dificilmente escape a um juízo de valor, quando se aplica ao homem, pois nenhum ato humano é moralmente indiferente. O que dizemos, porém, é que o fato de ser ou não moderno não representa, para o homem de nossos dias, um julgamento de qualidade. O juízo contrario, — que encontra por vezes, quando ou critica alguém pelo fato de ser ou não ser moderno — assenta no falso pressuposto de que o tempo é um criterio de valor, quando louva fato em nada afeta o mérito do que quer que seja. Nem o passado, em si, é melhor que o presente, nem este que aquele. Os valores morais são constantes e imutáveis, de modo que a historia não tira nem dá por si só ao homem aquilo que em qualquer momento do tempo sempre pode alcançar pela colaboração de sua natureza com a graça divina.

O homem moderno, em nossos dias, também *não é*, como se pode crer, *o mais moço*. Sendo a modernidade uma categoria de inovação, é natural que o homem novo, em idade, se gabe de ser novo também em idéias, atitudes e criações. E entre os moços é que mais facilmente encontramos os tipos da mentalidade moderna por excelencia. Uma das características da modernidade é mes-

mo essa preeminencia da mocidade sobre a maturidade ou e velhice, como veremos.

Nem por isso poderemos erigir esse traço accessorio em criterio principal. Encontramos homens tipicamente moderno de nossos dias com todas as idades. E mesmo entre nós, no Brasil, não foi um filho da nova geração e sim um homem já maduro, como Graça Aranha, que lançou o maior brado de modernidade, de "Espírito Moderno" (1931), como devendo ser o ideal da intelligencia brasileira de nossos dias. E entre os novos é que foi encontrar, não só aquiescencia mas também hostilidade às suas idéias. Poderíamos multiplicar os exemplos. Não ha ligação necessaria, portanto, entre a idade de uma ideologia e a dos homens que a propugnam.

O homem moderno também não é necessariamente todo membro de um Estado-Moderno. É nesses Estados que naturalmente se propaga, com mais facilidade, a ideologia modernista. Desde que as instituições sociais se edificam na base de uma consciencia especificamente inovadora, é certo que os membros dessa nação encontram um ambiente mais favoravel às suas tendencias inovadoras, de modo que é mais corrente o homem moderno numa nação de estrutura política moderna, do que num Estado que conservou intactas suas instituições. Como o homem, porém, não é produto das instituições e apenas *condicionado por elas*, pode estar em desacordo com elas, quando mais não seja, em virtude desse espírito de contradição que nos faz por vezes tomar atitudes, por simples reação contra as atitudes alheias. O homem moderno portanto, pode ser ou não membro de um Estado Moderno. Seu modo de ser independe, até certo ponto, da sociedade em que vive, e suas instituições políticas ou econômicas.

Visto assim rapidamente o que *não é o homem moderno*, passemos em revista alguns sinais mais típicos de sua psicologia, tal como a podemos abstrair dos casos concretos que observamos em nosso tempo.

Que é o homem moderno?

É, antes de tudo, o que *se diz* moderno e faz questão de o ser. E de acordo como o conceito que demós de modernidade, será aquele que timbra em ser diferente, repudia e combate por sistema o passado e aceita o presente.

Essas tres condições são necessarias e se completam, para marcar a figura do homem moderno, pois isoladamente podem chegar a espécies diferentes de homem e não do que, com propriedade, podemos chamar de *moderno*.

Ser diferente, por exemplo, pode ser apenas um sintóma de extravagancia individual. Ora, o extravagante é aquele que timbra em ser diferente, tanto do passado *como do presente*. É o tipo que, por este ou aquele motivo, quer destacar-se dos demais, simplesmente por excentricidade. Ora, o moderno não se

confunde com o excêntrico. O excêntrico é o que deseja a *diferença pela diferença*, e quer apenas destacar-se. O moderno é diferente, por si, e quer impor a sua diferença à *sua época* ou aceitar tudo aquilo em que ela é diferente. Ha, pois, no homem moderno, não apenas o gosto da diferença, mas ainda o propósito de criar um novo estilo, um novo modo de ser e de viver, que não seja apenas dele. A excentricidade é individual ao passo que a modernidade é ou tende a ser *coletiva*.

Por sua vez, a repulsa ao passado, por parte do homem moderno, não é puramente gratuita mas *sistemática*. E em geral assume o aspecto não de um repudio integral — como se dá nos casos de simples caprichos anti-passadistas por parte dos *falsos-modernos* — mas de uma fixação do passado no *passado*, como coisa que passou *definitivamente* e que não pode influir no presente. Em tese, nada haveria que objetar, pois cada fase da historia tem a sua vida propria, e o conselho de deixar que os mortos enterrem os mortos é da propria boca do Cristo. Essa fixação do pasado no pasado, porem, que bem entendida seria aceitavel, presta-se facilmente a dois graves erros:

ou entender por *passado*, muita coisa que é do mais vivo presente, como quizeram os positivistas *fixando* a Igreja na Idade Media;

ou criar um verdadeiro fosso entre o passado e o presente.

O homem moderno cai facilmente — no seu repudio ao passado, mesmo sob a forma menos sectaria dessa *fixação* a que nos referimos — em um ou outro dos erros apontados. O que desejo, porem, indicar aqui, é que esse repudio é feito não por incompreensão do passado ou por ignorancia do que ele conseguiu fazer — e sim por convicção de que o passado é apenas a morte do presente. E que só este é vivo.

O homem moderno raciocina, geralmente (ao menos o homem moderno do *nosso tempo*), partindo de uma estrutura mental *evolucionista*. É um fato que o evolucionismo do seculo XIX de tal modo impregnou a mentalidade do seu tempo, que transmitiu aos seus sucessores do seculo XX, toda essa estrutura mental *inconciente*, a partir da qual pensam os homens do século. A meditação dos problemas, a partir de uma posição evolucionista, sucessiva, *no tempo*, é um dos sintomas típicos da mentalidade moderina. O moderno pensa *no tempo*. Tudo se lhe apresenta *no tempo*. Tudo vê *em função do tempo*. Quando considera os fenômeno, alha-os logo sob o ponto de vista do *antes* e do *depois*. Em tudo, indaga das *origens*, do *estado atual* e das *possibilidades do futuro*. A mentalidade moderna é uma mentalidade por natureza temporal.

Sendo assim, colocando-se no *curso* dos acontecimentos, vendo a cada momento a *passagem* de tudo e considerando que só o que não passou (o presente portanto) é que possui a vida, — é levado o homem moderno a afirmar outro de seus dogmas, concientes ou inconcientes: — a *superioridade do presente sobre o passado*.

O homem moderno de hoje não discute mais essa tese, como o fizeram os modernos de outras épocas; aceita-a como um lugar comum. Apenas, como é sujeito às mesmas variações de temperamento dos demais, — havendo entre os modernos, realistas e românticos, ensimesmados e exuberantes, sinceros e insinceros, concientes ou inconcientes, patentes ou furtivos, etc. — não é de modo uniforme que proclama essa superioridade do presente. Tanto mais quanto sendo o fenômeno um desses que vivem *no século e em toda a terra*, e não apenas num curto periodo ou num determinado recanto de um continente — a consequencia é que vai passando por todas as vicissitudes de um seculo cheio de acontecimentos como o nosso. Já se pode fazer uma *historia de modernidade* entre os modernos, pois o sentimento tem passado por altos e baixos consideraveis, nesses ultimos vinte anos, desde que se tome a Grande Guerra como o inicio histórico do século XX. Ha uma *constante* — que é a consciencia e o desejo de modernidade em um número consideravel de espiritos. E ha muitas *variaveis*, que são as diferenciações infinitas do fenômeno segundo os individuos, os paises, os acontecimentos, os momentos, etc. Assim é que os temperamentos extrovertidos e exuberantes têm mais inclinações á modernidade fatua e exterior; ao passo que os temperamentos introvertidos tendem ou a rejeitá-la ou a possuí-la em profundidade. Entre os primeiros é que se recruta, em grande parte, a legião dos falsos modernos, que dão na vista, chamam a atenção, constituem a massa dos acompanhadores, mas pouco deixam de marcante. Os outros são os verdadeiros modernos, os mais realmente originais e sinceros, por isso mesmo os mais culpados por tudo aquilo em que o moderno se afasta do Eterno no homem e na sociedade.

Esse dogma moderno da superioridade do presente sobre o pasado é, portanto, encarado, compreendido e exposto, por maneiras diferentes, de acordo com as diferenças de temperamento no homem moderno. É preciso que não se tenha deste a falsa concepção de um autômato, criado por aposição de peças, e sem realidade concreta. É uma advertencia que não me canço de repetir, para que não se caia numa abstração exagerada e irreal, em que o *tipo* substitue a *pessoa*.

Passemos, porem, a outro traço característico do homem moderno, que é a *indistinção* entre *pessoa* e *individuo*.

Essa distinção — modernamente renovada por alguns grandes espiritos como Garrigou Lagrange e Mar-tain que não se prendem ao preconceito da modernidade — nós a vamos encontrar, não só no pensamento grego mas ainda na sabedoria chinesa que dizia “ser a pessoa do ceu e o individuo da terra”. (Vie Intellectuelle — Março 1936 — La Pensée Chinoise).

Esse conceito do homem vê nele a parte constante e a parte movel; a parte livre e a parte serva; o polo de contacto com a divindade e o polo de subordinação às leis da natureza exterior. A primeira é a *pessoa* e a segunda o *individuo*.

Ora, para o homem moderno não existe essa distinção.

Para ele, pessoa e individuo se confundem, pois o homem é um momento no tempo e na especie, e suas concepções são tão efêmeras como ele. O homem é indivisível, para ele. Herdeiro dos monistas, que viam no homem um fruto da materia, principio único do universo, embora se incline mais para o panteísmo (monismo espiritualista) que para o monismo materialista, — não se considera o homem moderno senão um todo indistinto, em que todas as partes se apresentam simultaneamente, indissociáveis, girando em torno de um *eu* indissolúvelmente ligado às condições materiais e orgânicas de sua existencia. A pessoa se dilúe no individuo, o homem espiritual no homem material, com predominio das características deste sobre as daquele.

Daí a repulsa do homem moderno por todo ascetismo, que não leve a resultados tangíveis, como seja o emagrecimento ou o aperfeiçoamento esportivo, aquele principalmente nas mulheres e este nos homens. É um os sintomas do predominio do individuo, no homem moderno, essa repulsa, por natureza a toda mortificação e a sua aceitação apenas quando leva a resultados sensíveis. Pois o homem moderno faz a sua vida e a vida do universo girarem em torno dos sentidos. Mesmo o espiritualismo do homem moderno é, em regra, sensual. Pois só acredita no que vê, toca ou sente de qualquer modo presente.

Essa recusa em aceitar a distinção pessoa-individuo, leva também o homem moderno a rejeitar a distinção entre ordem natural e ordem sobrenatural. Ou então, quando crente (pois o homem moderno não é, por definição, um ímpio ou um ateu), a aceitá-la como materia dogmática, superior à razão e sem qualquer repercussão nessa zona de intuição profunda, em que mesmo os mais supra-rationais dos dogmas se apresentam a nós, depois de certa meditação e certa decantação íntima, como adequáveis à natureza racional do homem.

Para o moderno, essas distinções exteriores ao seu eu, consituem obstáculos tão incompreensíveis como a distinção interior entre pessoa e individuo. A natureza, para ele, é uma só, distinta, indivisível como o seu proprio eu. Na imensa maioria dos casos, o moderno não compreende sequer a possibilidade do sobrenatural. Chega, quando muito, ao preternatural, fruto aliás de uma ignorancia, passageira ou congênita, da riqueza e complexidade dos fenômenos. Em regra, domina entre os modernos o mais absoluto naturalismo. O proprio sentimento religioso, quando não o negam, passa a ser um simples fenômeno natural, que representa a parte do coração em face do misterio provisório ou do sofrimento perene. O homem moderno, portanto, se coloca em pleno naturalismo com a mesma inconciencia com que se coloca em pleno temporalismo.

Outra marca do homem moderno é que — longe de reconhecer a superioridade dos fins sobre os meios *atribúe aos meios valor de fim*.

O homem moderno tem a obseção do método. Tudo para ele está no modo de fazer as coisas. Sua preocupação é aperfeiçoar esses métodos ao extremo,

pois acredita que um bom método chegará certamente a um bom fim. Daí a sua preocupação pela *técnica*. Técnica no tratamento da natureza exterior; no dominio da sua natureza propria; na pesquisa da ciencia, em qualquer dominio que seja; na organização de sua vida social — por toda parte o que domina no homem moderno é a preocupação de aplicar meios modernos, eficientes, apurados. E pouco a pouco se desinteressa dos fins e deixa-se ficar apenas na seleção dos meios. O interesse das coisas passa, para ele, a ser mais o esforço de procurar por elas do que a prazer de obtê-las. Ainda aqui o fenômeno da *passagem* reaparece. Sentindo-se de passagem por tudo, também só lhe interessa o que representa a passagem de uma coisa a outra, o meio e não o fim. Daí o seu endeusamento da *curiosidade*, seja por que objeto fôr. Interessa menos o saber alguma coisa do que o esforço em procurar saber muitas coisas. A superficialidade, que em geral distingue o homem moderno, provem em parte dessa sua feição psicológica. Ele procura menos o profundidade que a extensão. Interessa-lhe menos conhecer poucas coisas bem, que muitas pela rama. É que a curiosidade, quando desgovernada, leva a uma mobilidade continua da atenção, que sacrifica a qualidade à quantidade.

Como consequencia de alguns desses traços do homem moderno, chegamos a outro — que é a *destocação do absoluto para o relativo*, se é possível dizer.

O homem moderno perdeu a noção da unidade do universo e o considera sob o signo da multiplicidade. O tempo expulsou a eternidade. O relativo, o absoluto. E assim sendo, *todas* as coisas passaram a ter a possibilidade de ser a medida de todas as demais. O homem moderno substituiu, na sua visão do mundo, a noção de hierarquia pela de equivalencia. Tudo se vale. Tudo se substitue. O inferior e o superior são categorias meramente arbitrarías e passageiras. Todos os grandes efeitos passam a ser consequencia de pequenas causas, de modo que se invertem todas as posições e a transmutação de valores, que obsecou a vida de Nietzsche, passa a ser a preocupação máxima de cada um. A noção de absoluto, para o homem moderno, passa a ser meramente relativa. É absoluto para mim o que eu julgo ser absoluto. Não existem seres ou valores absolutos. Existe a categoria do absoluto, a serviço da minha relatividade.

O homem moderno não abole a noção de absoluto: multiplica-a e subordina-a à feição de cada um. Pois ele é essencialmente *o homem do ponto de vista*. Mesmo quando dogmatiza e impõe o seu ponto de vista, reserva a possibilidade de uma modificação. “Hoje, porem, é assim e deve ser assim para todos. Os que a não aceitarem, sujeitem-se, pois é esse o espirito do nosso tempo, ou a fase da nossa evolução”.

O conceito do *Zeitgeist*, como se sabe, é o proprio ambiente em que vive, pensa e atúa o homem moderno. A modernidade, para ele, não é um capricho ou uma extravagancia, nem mesmo uma preferencia sua: é uma *imposição do momento*. É a idade em que vivemos que nos impõe esta ou aquela atitude. Nem sempre o homem, que faz questão de ser moderno, concorda com ela. Mas, a

sua invencível tendência ao conformismo. Fatalista, o leva, muitas vezes, a ser vítima da modernidade. Fatalista, o homem moderno se inclina, com a resignação de quem está metido numa engrenagem de que não é lícito fugir, a não ser para procurar a infelicidade. Pois a felicidade, para o homem moderno, é a conformidade com o espírito do tempo. E como a felicidade é a sua maior preocupação, — felicidade própria nos egoístas, felicidade coletiva nos desinteressados — vive preocupado em observar, compreender e seguir o espírito do tempo, para não criar uma desordem.

Pois opor-se ao *Zeitgeist*, pensa o Moderno, é fugir ao imperativo da ordem. E o homem moderno não ama a desordem. Sua contradição máxima está justamente em conciliar um extremo espírito de individualismo, de libertação, de revolução, de autonomia do pensamento e dos sentidos, com uma profunda reverência por tudo o que é estrutura, coletividade, massa, organização. Na conciliação desses dois polos de seu mundo, estará talvez a tragedia do homem moderno, que se traduz, por vezes, em grandes gritos poéticos ou sociais de desespero e de alucinação.

Vive pois o homem moderno sob o signo da multiplicidade, e atribuindo valor absoluto a idéas e instituições relativas, como a Classe, a Raça, a Nação ou o Sexo.

Essa perda do verdadeiro senso da hierarquia, — que faz o homem moderno viver num mundo de equidistâncias em que tudo se equivale — leva-o também a outro traço de sua psicologia — a *consideração do movimento como um fator de superioridade*.

Essa equivalência, acima apontada, não impede que ele procure refazer uma escala, apenas esboçada e constantemente modificada. Um dos seus poucos criterios estaveis é justamente esse do *primado do dinamismo*. O melhor será o mais movimentado, ou antes o mais *agitado*. Pois essa deificação do dinamismo leva à confusão entre movimento e agitação. É a agitação, isto é o movimento pelo movimento, que recolhe o sufrágio dos modernos. O homem para ser moderno, tem de ser um homem de ação, que se desloca facilmente, que muda facilmente de propósito, de partido, de gravatas ou de mulher. O dinamismo é confundido com a vida. E esta passa a ser então sinônimo de cariação, de multiplicidade, de aventura e de relativismo. Quanto mais muda mais vive o homem. E o dinamismo é que marca o homem com o signo de modernidade. O estavel, o recatado, o sobrio, o silencioso — são valores ultrapassados para o Moderno. O mutavel, o exuberante, o original, o que se adapta facilmente ou adapta os demais a novas formas de vida, são os valores modernos e vivos.

Ao mesmo tempo que considera o dinamismo um fator de superioridade, não considera o homem moderno a violência como um fator de inferioridade, pelo contrario.

Se o mundo moderno vive sob o pendão da violência, é que o homem moderno a empunha como uma insígnia. A violência se converteu em símbolo de heroísmo. Fala-se muito, entre os modernos, em heroísmo, virtudes heroicas, sacrifícios e devotamentos. E não é raro que das palavras se passe à ação. Toda essa atitude, porem, vem impregnada não só de uma aceitação da violência como inevitável, mas até mesmo do culto da violência. Culto inconfessado, por vezes inconsciente, mas culto que nem por isso deixa de ter numerosos e fieis adeptos. Tanto na ordem internacional como nas relações entre as classes — o ambiente que se respira entre os modernos é o de guerra e o de luta de classe. E entre os individuos, como dentro dos individuos, se bem que assumindo formas e modalidades diversas, não deixamos de ver por toda a parte os sinais da violência, nas idéias, nas atitudes, nas polémicas.

A violência, para o moderno, é sinal inequívoco de vitalidade. E como os fins lhe importam menos que os meios, como é às coisas relativas que ele atribue valores absolutos — os processos violentos logram êxito e renome entre aqueles que fazem da modernidade o seu domínio secreto.

Outra inversão de valores comum entre os modernos é *colocar o instinto acima da razão*.

Sempre que nos referimos a essas transmutações de valores, entre os modernos, fica entendido, que as subordinamos sempre àquele sentido da equivalência, a que acima nos referimos, e segundo o qual, para o moderno, toda hierarquia é uma *questão de nomes e de pontos de vista*. “Eu chamo razão isto assim assim. Eu chamo instinto isto assim assim. Tudo está certo. Questão de ponto de vista”. Haverá, porem, erro antimoderno (para o Moderno) se se colocar a razão, em seu valor tradicional, como governando o instinto.

Spearman fala na concepção *monárquica* do homem, que seria a tradicional consideração de ser humano como um ser unificado pelo governo da inteligência.

O moderno, que é democrata por natureza, (não no sentido burguês mas no sentido etimológico), rejeita essa concepção monárquica do homem e aceita, ao contrario, a mais ampla e livre democracia dos instintos. O instinto é o povo dentro de nós, pensa o moderno. O domínio sobre os instintos será a opressão do povo, se não o admitirmos a um amplo governo de nossa vida. E esta será tanto mais livre e abundante quanto maior a colaboração dos instintos. Da mesma maneira que, na vida social, o homem moderno quer ver a massa dominando — assim também na vida psicológica promove a sublevação ou o predomínio dos instintos. A inteligência só vale quando vitalizada pelos instintos. O instinto é que é a vida; a inteligência uma coordenadora secundaria, a serviço da vida instintiva, ou então uma dominadora que nega ou desvirtua a vida. A instabilidade tão do agrado do homem moderno, sua sensualidade, seu amor do concreto, seus ideais a curto prazo, sua vida dominada por preocupações

terrenas, sua avidês no ganho, sua febre de aventura, sua curiosidade desmarcada, sua agitação continua — tudo são consequencia desse predomínio da vida instintiva sobre a vida racional, que é dos fenômenos mais típicos da modernidade, em nossos dias.

A esse instintivismo está ligado, no homem moderno, um constante pragmatismo, podendo dizer que *não se guia pelos princípios e sim pelos resultados*.

O principio, em sentido formal, é uma antecipação do fim. Guiar-se pelos principios, na vida prática, é estabelecer a finalidade como guia de nossos atos. Ora, já vimos que os fins não são os guias do homem moderno, e sim os meios. E a finalidade que antevê é constituída pelos resultados imediatamente alcançados. Daí a importancia do êxito na vida moderna. O êxito passa a ser um criterio de valor. O fato consumado passa a tomar o posto dos principios destronados. O que resultou e o que venceu passa a ser o que *devia* resultar e o que *devia* vencer. E o homem será tanto mais moderno quanto mais plastico a tudo que fôr moderno. Porque a plasticidade em si, o *amorfismo*, não é absolutamente qualidade moderna. Pelo contrario, já vimos que a violencia está entre os atributos de que se vangloria esse especimen do homem dos nossos dias, que faz da revolução o seu ambiente e da imposição o seu sistema. A plasticidade do homem moderno é apenas a tudo que fôr ou pretender ser moderno. Aí sim, ou cede ou pelo menos não oferece qualquer resistencia invencível baseada em principios estabelecidos, em contradicção com a sua atitude de absoluta liberdade em face da vida, das suas sugestões e oportunidades.

O principio moderno por excelencia é a ausencia de principios intangiveis. Ou antes, *a subordinação dos principios aos casos*. O roteiro do homem moderno é traçado, não com antecedencia, mas no proprio decorrer de sua viagem pela vida. E como tem a preocupação constante de estar em contacto com as coisas mais concretas, apresentando ao contrario uma grande reserva, senão repulsa, por tudo que fôr abstração, — não são os principios e sim os casos que o governam. O homem moderno é substancialmente casuista. Seus raciocinios se baseiam sempre em fatos, ocorrencias, experiencias, e em todos os terrenos parte sempre da exemplificação para a regra. A regra, para ele, passa a valer menos que o exemplo, pois este é que determina aquela. Daí colocar a *opinião* acima da fé e a fé acima da saber. Pois o cientismo, que em nome do saber (experimental, apenas, e portanto meio-saber) elimina a fé e a opinião, já é para o verdadeiro homem moderno uma forma do passadismo. Seu amor exaltado pelo concreto, pelo tangivel, fá-lo inverter a ordem real da certeza, fazendo mundo moderno o paraizo da *opinião*. “Eu penso assim”, é a *ultima ratio* de um mundo em tais condições. É o que ouvimos frequentemente dos labios daqueles que possuem conciente ou inconcientemente o *Zeitgeist ambiente*. Não são pois os principios que orientam os atos do homem moderno. São os seus atos que ele transforma geralmente em principios.

Pois o *primado da vida ativa sobre a vida contemplativa* é outro dos dogmas do tipo humano que estamos estudando.

A vida contemplativa, para o homem moderno, é um desperdicio. Amando os resultados mais que os principios, as consequencias mais que as causas, o concreto mais que o abstrato — só lhe parece digna a vida que mais se aproximar dessa hierarquia de valores. E como ama o movimento mais que o repouso e a agitação mais que o movimento — não pode compreender uma vida que coloque a contemplação acima da ação. Pois a verdade, para ele, não está no Ato e sim na Potencia. E sendo a vida contemplativa, a que nos põe em equação com o ato, e a vida ativa com a potencia, — é lógico o Moderno na sua conclusão em favor do primado da ação sobre a contemplação.

Um traço que parece um tanto paradoxal, no homem moderno, é o seu *amor pelas instituições*. A instituição é uma formação social coletiva que se impõe à vontade individual e agrupa os homens por afinidades parciais. Assim a Família. Assim o Estado. Assim a Igreja. Assim a empresa, o club, a cooperativa ou o partido.

Na era individualista não deixavam, naturalmente, as instituições de existir, pois, naturais como são, sobrepõem-se à psicologia parcial das épocas históricas. Mas eram consideradas como sobrevivencias do passado (Igreja); como grupos privados (Família, empresas, clubs, etc.); ou como males toleraveis ou necessarios (Estado, Sindicatos, partidos, etc.).

Para o homem-dos-nossos-dias não é isso a Instituição. A despeito das suas tendencias individualistas, ele vê nas instituições não só formações superiores aos caprichos individuais, mas ainda principalmente *refugios* ou *armaduras sociais*. A sociedade chegou, pelo uso e abuso de todos os dogmas do modernismo, a tal estado de insegurança, que o homem moderno sentiu a impotencia do seu individualismo para conter as forças que ele mesmo desencadeara. E recorreu então a essas formações parciais, para enfrentar a tempestade desencadeada sobre o mundo. Os homens recolhem-se às instituições em face do tufão. Mas nelas veem muito menos uma obra de natureza social, superior à vontade do homem, do que uma especie de “tank” social, construido livremente pelo homem de nossos dias para atravessar as intemperies ambientes. De modo que o homem moderno vê na instituição um abrigo social transitorio e não uma formação social permanente. Seu gosto profundo seria ver-se livre dela, pois obriga por vezes a sacrificios incompativeis com a sua sede profunda de libertação. Mas reconhece que os demonios andam soltos e que o homem só, hoje em dia, é um homem perdido (ao menos para o seu ideal de segurança, de conforto e de divertimento).

Porque outro paradoxo do homem moderno é *viver constante insegurança, fazendo da segurança o seu ideal constante*.

O recurso à instituição, contra o sôpo de insegurança moderna, é sempre precario. Nas tempestades modernas, oferecem as instituições abrigos muito re-

lativos. Tanto mais quanto fazendo o homem moderno das instituições um produto da sua criação livre, pretende também livremente modificar as instituições, ou trocar umas pelas outras. E com isto cria instituições aparentemente muito solidas, e mesmo agressivas em suas estruturas imponentes, mas que repousam sobre pés de barro, pois o que faz a solidês de uma instituição é que o homem se sinta necessariamente subordinado a ela. Sempre que o homem se sente superior à instituição ou não sente que o bem comum da instituição é superior ao seu bem próprio; sempre que não vê que a instituição é anterior a ele, como fruto da natureza das coisas e não do seu capricho — é inevitável a precariedade das instituições. Pois são frageis todas as que cria, com os defeitos originais que apontamos.

Guerras, revoluções, escandalos, boatos, catástrofes, crises, tudo concorre para criar, no mundo de nosso dias, um ambiente de eterna e incurável inquietação. Tudo se processa, aliás, como se o mundo vivesse uma vida de absoluta normalidade. De modo que quem olhar apenas para o exterior da vida moderna verá apenas uma intensificação natural da vida antiga e nada mais. Basta, porém, penetrar um pouco no mundo dos espíritos, para que se sinta como tudo é diverso, a despeito de um fenômeno inegável de *entorpecimento intelectual* que por vezes nos assombra. A maioria dos homens, mormente em um meio como o nosso, vive sempre à margem dos acontecimentos e sobretudo de qualquer sensibilidade às mutações dos estados de espírito. Não falo dos meios analfabetos ou rurais, onde seria natural essa passividade. Vamos encontrá-la, porém, em meios urbanos e medianos, quando não superiormente cultivados.

Esse entorpecimento à modernidade, entretanto, não obsta a que a atmosfera dos acontecimentos e a mentalidade dos não-entorpecidos, atue sobre o ambiente de tal modo que, inconscientemente, vai-se criando uma nova atmosfera em que a *insegurança* é um dos dados mais evidente do problema. O mundo passa a ser problemático. As soluções incertas e multiplas. A surpresa passa a ser um estado de espírito quasi permanente. E assim é que, a despeito das aparencias de serenidade, provocadas pela inercia social e pelo referido entorpecimento dos espíritos, — basta um pouco de penetração para sentirmos que a insegurança é o ambiente do homem moderno. Dir-se-ha que ele ama essa insegurança. Não o creio. A *aventura* a que aspira o homem moderno, é toda aquela que não acarrete um risco irreparável ao seu grande e mesmo exagerado amor à vida. Ama as aventuras de amor, de arte, de turismo, ou de idéias. Mas, salvo momentos de psicose coletiva, ou campanhas passageiras, a aventura social não o seduz. O homem moderno ama o ordem. Um de seus máximos problemas é mesmo conciliar esse amor profundo pela ordem com a sua profunda desordem íntima. Não vê a conexão entre ambas. E não quer sacrificar uma à outra. Daí, como vimos, o seu amor às estruturas sociais que corrijam a insegurança dos tempos. Desde que não exijam o sacrifício das veleidades particulares. A vida moderna, portanto, é insegura, mas o homem moder-

no quer assegurar-se o mais possível contra ela, pois o seu ideal social é de ordem e autoridade que lhe permitam cultivar, em paz, a sua desordem e a sua libertinagem (no sentido que dava, ao termo, o século XVII).

Esse e outros paradoxos são naturais ao homem moderno, que *faz da contradição uma lei da vida*.

É aliás a conclusão que se impõe do *primado da vida*, que o guia em todos os seus atos. “É a vida”, é a palavra que mais frequentemente ouvimos em seus lábios. A contradição, é a vida; o ilogismo, é a vida; o pecado, é a vida; o erro, é a vida; tudo é a vida. A vida recolhe tudo com o seu manto de infinita mansuetude. O homem moderno quando a invoca assume assim um ligeiro ar de misterio e de martirio, como se essa invocação contivesse o último segredo dos sábios e a última renúncia dos santos. Mas, de fato, o que a vida para ele assim recobre é o seu pouco desejo de reagir contra ela em nome de qualquer coisa que se aponha ao seu curso indeclinável. E nos meios modernos torna-se de mau gosto invocar qualquer coisa contra essa enxurrada turva, que o homem moderno chama — a vida. Pois o que, nessa invocação, lhe aproveita, é que a vida, assim entendida, tudo confunde, tudo equipara, tudo carrega indistintamente em suas águas indiferentes. E como o homem moderno não distingue o bem do mal ou a verdade do erro, senão pelo que represente em sua opinião ou pelos resultados que provoca no curso das coisas — passa o primado da vida a ser para ele a evidencia de que o natural é a contradição e o lógico o artificial. O imprevisto passa assim a ser a primeira das suas previsões. Pois sendo a vida contraditória e constituindo o supremo valor para o homem, — por conter em si todos os valores dispostos de modo não-hierárquico — tudo na vida é insusceptível de uma redução à ordem, senão como imposição artificial do seu curso inexorável, (como é o caso das instituições, especie de recursos de emergencia contra os abusos das contradições vitais).

Esse amor ao indistinto, que se traduz na proclamação do primado da vida, leva ainda o homem moderno a *eliminar toda diferenciação entre o homem e a mulher* ou *entre a criança e o adulto*.

À medida que cresce, para ele, a importancia do Sexo, descrece a diferenciação dos sexos. A lei do homem — com que o conceito burguês da vida desequilibrou a hierarquia cristã entre os sexos — opõe o homem moderno a lei da indistinção sexual. Homem e mulher se equivalem em tudo e se substituem reciprocamente em tudo. A variedade dos sexos é um acidente da natureza, que socialmente não deve ser levado em conta. De modo que na família ou fora dela, na vida individual como na vida social, desaparece, para o homem moderno, qualquer distinção entre os sexos. Não é, porém, uma ordem intermedia que se impõe a ambos, e sim a imposição à mulher da ordem masculina, do modo de ser, de pensar, de agir do “sexo forte”. É o que o homem moderno chama geralmente “libertação da mulher” e que considera como um dos dogmas intangíveis da modernidade.

O que se dá entre os sexos, repete-se entre as idades. O século moderno completa a libertação da mulher pela libertação da criança. "Século da criança", chama o homem moderno ao nosso século, e chega a afirmar que a criança é uma "descoberta do século XX". Só um direito, já o vimos, é negado à criança pelo homem moderno — o de nascer... O adulto pode e mesmo deve impedir o nascimento da criança. É o anti-concepcionismo, tão familiar ao homem moderno. Ao aborto também já chega. Ao infanticídio ainda não (pois é preciso deixar alguma coisa ao homem moderno do século XXI). Uma vez nascida, passa a criança a ter todos os direitos, inclusive contra os pais. Só ha uma autoridade superior à da criança — a do Estado. Este, porem, tudo faz para que sua autoridade não se faça sentir, de modo que a criança moderna tenha a noção perfeita da sua soberania sobre o mundo.

Como corolario dessa primazia da criança, encontramos no homem moderno a convicção de que a *mocidade é um criterio de valor*. Consequencia natural, também, de uma concepção da vida que dá ao *tempo* um valor em si, fazendo do moderno um fator de superioridade sobre o antigo. Assim sendo, é natural que o moço seja necessariamente melhor do que o velho. É o que pensa, ao menos inconcientemente, o homem moderno. Tanto assim que tudo faz para retardar e ocultar a velhice, que passa a ser um mal em si. "O mundo é dos moços", é outro lugar comum que o homem moderno ilustra o seu escasso vocabulario, de que um novo León Bloy terá de fazer um dia uma exegese semelhante à que genialmente aquele fez para o vocabulario corrente do "bourgeois".

Eis aí alguns traços do Homem como o considera uma concepção evolucionista da existencia, para a qual o *Tempo* não é apenas uma condição de vida, mas um criterio de valor. No próximo capitulo veremos o Homem, em suas características *intemporais*.

II. O Homem Eterno

Vimos o homem tal como a concepção *moderna* da vida o considera. Vejamo-lo agora tal como o encara a concepção *católica* da vida.

Serão contraditórios esses dois conceitos do homem? Contraditórios, não, mas fundamentalmente distintos, sim. O mundo considera o *moderno* como um *criterio essencial do homem*. Ao passo que a filosofia perene nele vê um atributo *accidental* do ser humano. Ao passo que a concepção agnóstica da vida encara a esta "*sub specie temporalitatis*", a concepção católica da existencia a vê "*sub specie aeternitatis*". A primeira tem, conciente ou inconcientemente, a *história* como *scientia reatrix*; ao passo que para nós a *metafísica* — encarando as coisas e os seres por suas razões finais e não por suas posições temporais — é que cons-

titue a medida das demais ciências. Convém aliás lembrar os dois sentidos em que podemos empregar o conceito de Eternidade. Em sentido próprio, a Eternidade é a cessação do tempo. É a vida em sua fixação definitiva. *Tempus, aevum, aeternitas* — são os tres estados sucesivamente da vida humana, da vida angélica e da vida divina. A eternidade em sentido próprio é o destino último do homem, quando cessa a vida no tempo. Agora, em sentido lato, podemos empregar o termo como representando tudo aquilo que, embora no tempo, não está propriamente subordinado a ele. É tudo o que representa a *natureza das coisas*. O *eterno*, nas coisas criadas e temporais, é o que nelas representa a sua essencia irreductível, a sua participação no in-criado e no in-temporal. O *eterno* é o que fica, é o substancial, é o que se opõe ao efêmero, ao acessório, ao accidental. É o corpo simples de todas as coisas, a sua diferença específica.

Podemos, portanto, opôr as duas categorias, não como exclusivas, mas como distintas. Nós que aceitamos como primordial o angulo no eterno, não excluimos o moderno mas submetemo-lo ao primeiro. O erro dos *modernos*, aquilo em que se opõem à verdadeira concepção da vida, está em desconhecer ou em desconsiderar essa diferença, confundindo o moderno e o eterno, ou subordinando este àquele. E com isso lavram uma sentença de desordem, que vai afetar toda a filosofia da existencia. A Igreja nao nega ao homem o direito de ser moderno. O que lhe contesta é que possa esquecer o que tem em si de eterno, invertendo o valor real das coisas. Antes de ser moderno ou antigo — o homem é *eterno*. Pode ou não ser *moderno* no sentido em que empregamos o termo, — mas não pode deixar de ser eterno. E isso porque não pode deixar de ser *homem*. O *eterno*, pois, não é uma categoria acrescentada ao homem, como é a modernidade, e sim um estado inato, consubstancial ao homem. O que ha de eterno no homem é tudo aquilo que o faz *ser homem*, e não planta ou animal. De modo que o próprio homem moderno não nega, nem pode negar que haja nele uma série de elementos que não variam em relação ao homem antigo ou ao anti-moderno. O que ela nega é que essas qualidades devam *prevalecer* sobre as que possui de próprio, *contra* as dos que não são modernos. Ao passo que a Igreja não nega que as condições historicas possam crear condições de *modernidade* que afetem o modo de ser e de viver do homem, mas coloca essas modificações dentro dos limites do que ha de eterno no homem. Segundo concepções, o homem vale mais do que as circunstâncias em que vive. Segundo o mundo moderno, ao contrário, as circunstâncias valem mais que o homem e o modelam á sua imagem e semelhança. É, por exemplo, o que se vê bem nitidamente nno *humanismo dialético* dos bolchevistas, que subordinam integralmente o homem aos acontecimentos e chegam á modernidade pura do homem sempre contemporâneo. Isso aliás *em tese* — pois sempre que a modernidade contraria os dogmas do partido ou dos seus avanguardistas — Marx, Lenin, Stalin, Bukarin, etc., — o que prevalece para eles é o Partido ou o Dogma, o que é uma das muitas contradicções do materialismo, soviético.

O humanismo cristão vê no homem a sua essência eterna e considera-o sempre sob esse ângulo. Isso não representa, de modo algum, uma repetição ou uma conservação de formas passadas. O eterno não é a negação do moderno. Nem a negação de que seja a vida movimento e transformação. É apenas a distinção perenne das coisas por seus valores hierárquicos. De modo que, em qualquer momento do tempo, o que ha de eterno no homem deve, não aniquilar, mas dominar o que ha nele de moderno. É isso segundo o princípio fundamental de que o eterno é *superior* ao moderno, por ser este um simples acidente no homem e aquele a sua própria natureza.

Partindo desse princípio fundamental de sua concepção do homem, considera-o uma sã filosofia como ocupando, no universo, um posto, não de excepção, mas de graduação superior. A concepção católica do homem está subordinada à concepção católica do universo. Se tivéssemos apenas em mente a vida na terra, então sim, poderíamos ver no homem uma excepção, senão uma excecencia na ordem geral dos seres. Mas tudo, na concepção católica das coisas, é descida do todo à parte, do universal ao particular da idéa ao fato, de Deus ao mundo. O homem é uma peça nessa imensa engrenagem das coisas, em que todas as coisas encontram o seu lugar, e cada coisa deve estar em seu lugar marcado pela ordem imanente à criação. O proprio mal, embora sendo apenas uma provação e não uma entidade serve á harmonia geral do universo, como ponderou Santo Agostinho. O homem é uma parte dessa criação total, e seu posto é realmente essencial á ordem geral das coisas, pois se coloca justamente no ponto de intersecção entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. O homem é uma passagem, um ponto de ligação entre o mundo e Deus. O mais alto dos seres, na escala animal, o mais baixo na escala angélica, fecha o homem o mundo da materia e abre o do espirito, terminando uma serie de seres criados visiveis, e abrindo outra serie de seres, invisiveis. O homem está pois em certo ponto de uma sequencia *ascensional* de seres. Não é ele o mais alto dos seres, nem um ser equivalente aos demais. Faz parte de uma ordem geral, em que é o mais alto, em relação a alguns, o mais baixo em relação a outros, mas nunca o *mesmo* que os demais. Daí a sua posição central, a sua importancia, a sua relativa excepcionalidade. E ao mesmo tempo a sua posição parcial, sua relatividade e sua incorporação a uma realidade que o transcende. Para termos uma noção exata do homem eterno, temos de partir sempre destas noções fundamentais. Sem o que, cairemos em um dos dois extremos: ou do *humanismo absoluto*, que faz o universo girar em torno do homem, unica realidade y unica lei de tudo; ou do *naturalismo absoluto* que vê no homem apenas um escravo de leis e circunstancias que o arrastam e modelam passivamente. São os dois polos entre os quais oscila o homem moderno, solicitado a um só tempo pelo seu sentimento de *liberdade* em face do mundo, que tende a hipertrofiar, e pela visão do *determinismo* que vê reger o universo fora de si.

A filosofia católica da vida, portanto, considera o homem como uma parte do universo e não como um ser desligado do mesmo ou a ele subordinado.

Ao mesmo tempo, porem, que assim o vê, atende logo aos dois marcos fundamentais de sua vida: *a origem e o destino em Deus*.

O homem não se explica por si mesmo, nem o universo *em si* explica o homem. Condição eterna de sua natureza é a sua origem e a sua finalidade divina. Qualquer que seja a hipótese aceita sobre a origem de seu corpo (e nesse ponto deixa a Igreja toda a liberdade às investigações das ciencias de observação) — o que se afirma é apenas a origem e o destino sobrenatural de sua forma espiritual. A alma humana e criação direta de Deus e só em Deus encontra a sua última adequação. Vindo do nada por obra do Eterno e no Eterno se fixando, são os valores eternos que fazem do homem o que ele é por natureza. A vida do homem, na terra, é uma passagem entre dois momentos de eternidade. Todos os elementos que não participarem dessa polaridade, não são inexistentes ou maus, mas inferiores aos que dela participarem. O homem eterno, portanto, é superior ao homem moderno, pois este deve guardar daquele os elementos básicos de sua natureza — o primeiro dos quais é justamente essa origem e finalidade supra-terrena. Ao passo que o homem eterno como tal nada deve ao homem moderno.

Criado por Deus, guarda o homem em sua alma o reflexo do seu Criador. Sua origem remota é *perfeita*, e perfeita, na sua especie, a natureza inicial que recebeu. O homem, pois, não é um *aperfeiçoamento* da especie ou do mundo ou da sociedade. É sim o *reflexo de uma perfeição suprema*, de que guarda em sua natureza os traços fundamentais. Sua personalidade é o que ha de mais perfeito em toda a natureza. “Persona significat quod est perfectissimum in tota natura” (Sum. Theol. I, q. 29, art. 3). Ha, pois, para o homem, uma ligação permanente com a sua origem, que é a mais alta e a mais puras origens. O homem deve respeito a si mesmo, tanto ao seu corpo como à sua alma, por serem obra de um artista inexcedivelmente perfeito. Não que seja ele uma obra inexcedivelmente perfeita *em si*, ou que possa atingir à perfeição *por si mesmo* ou nas condições *naturais* da vida. O homem é um ser naturalmente perfeito, apenas *por participação* na perfeição de sua origem. Somos “Genus... Dei”, como dizia S. Paulo (Act. Ap., 17²⁹). Desde que cesse essa participação, perde o homem toda perfeição. Ha, pois, para o homem um *modelo* constante. E esse modelo é o seu Criador, que preexistiu a ele, existe separado dele e sobreviverá como Eterno que é, á sua raça efêmera, na terra.

A origem divina do homem comunica-le pois, por toda a vida da especie e na vida de cada membro da especie, uma serie de elementos que constituem a sua *lei natural*, da qual não se pode afastar sem decaír. Essa lei natural é que traça a fisionomia constante do homem, isto é, o *Homem Eterno*, que deve ser o modelo do homem moderno, em seus traços imutaveis como Deus é o modelo do que há de eterno no homem.

Se o homem é obra imediata de Deus, ao menos em sua forma substancial, também se destina a Deus, por natureza. É de lei natural do homem essa finalidade. Fora dela está o homem desviado do seu destino. Só em Deus é que encontra o homem a plenitude de sua realização. Todas as finalidades parciais do homem em sua vida, todos os seus desejos, todas as vicissitudes de sua existência estão subordinadas a essa finalidade última. O homem se torna uma criatura incompreensível e deformada, em sua natureza, quando privado dessa finalidade suprema que é a contemplação do Eterno. A vida humana é uma curva livre e imperfeita entre dois pontos necessários e perfeitos. Sempre que o homem nega qualquer desses elementos — tanto a perfeição de sua origem e de seu fim como a liberdade e a imperfeição dos seus meios — insurge-se contra a ordem natural das coisas, contra o seu bem e a sua felicidade. O bem do homem é o cumprimento fiel do seu destino e a felicidade a subordinação de todos os seus atos ao Bem Supremo. Sendo o destino do homem, vir de Deus e viver para voltar a Deus, tudo o que seja negação desse destino, é o mal e o sofrimento. Ilude-se o homem frequentemente, a esse respeito. Mas de um modo ou de outro, visível ou invisivelmente, acaba cumprindo o plano que a Providência — a um tempo necessária y livre, nos elementos com que tece a vida — lhe traçou.

Será esta a imagen que faz do homem o homem moderno? Reportemo-nos ao que ficou dito anteriormente, e veremos logo que não. O universo para o *Homem Moderno* é qualquer coisa de fluido e de plástico. Mesmo quando não nega a Deus — e já vimos que o homem moderno não é necessariamente um ateu, se bem que muitos queiram ligar necessariamente modernismo e ateísmo, como o fazem os comunistas, de estrita observância, — mesmo quando aceita a Deus, fá-lo mais como uma aceitação, como uma tolerância ou em sinal de liberalismo ou de panteísmo. Todo aquele que tem do papel de Deus no universo a mesma concepção que tem e proclama a Igreja Católica, não é um moderno em sentido proprio. O que, aliás, não é sinal de anacronismo, de indiferença ou de passividade ante a vida. Pode-se não ser moderno, como não se é matemático ou pintor. Pode-se não ser moderno e entretanto marcar muito mais o mundo moderno do que muitos que fazem questão de ser modernos. A modernidade é uma classe na tipologia do homem de nossos dias, como o foi na dos homens de outros dias. Um dos erros de sua visão da vida está mesmo em pensar que só os modernos são os preparadores das novas eras sociais, quando muitas vezes não passam de meros rubricadores de atos e épocas decadentes ou acabadas.

O homem tipicamente moderno, portanto, não aceita em regra essa bipolaridade do Eterno, entre a qual se desenvolve a vida de cada homem. O universo lhe parece plástico e portanto *multipolar*. O homem está no centro ou pelo menos no seio de um dinamismo vital em que as constantes se formam e deformam como as "banquises" nas regiões árticas. O problema da *origem* e do *fim* não se lhe apresenta. Tudo vê sob o signo da *multiplicidade* e da

simultaneidade. Quando a categoria de *moderno* alquiere a *primicio*, é o *presente* que domina, isto é, o *meio* e não mais a *origem* e o *fim*. Esses últimos não desaparecem de todo — pois tudo começa e acaba na vida, não o nega o proprio homem moderno — mas perdem toda *eficácia essencial*. Ao passo que para o homem eterno, a vida humana está toda subordinada à lei de sua origem em Deus e de seu fim em Deus, — para o homem moderno a lei de viver é ditada pela sua vida presente e não pela sua fonte ou pela sua conclusão. Todas as correntes dialéticas, agnósticas ou sensualistas do homem moderno divergem, muitas vezes entre si, mas também divergem *todas* daquela concepção católica do homem, que tem sempre presente a origem e o destino divinos do homem, e faz mesmo disso o traço fundamental do Homem Eterno.

Ligado a esse pronto básico de sua concepção do homem, como obra de Deus, não podemos silenciar outro elemento que a teologia considera essencial no homem perene: é o *dogma da queda*. O homem eterno é um ser decaído da sua perfeição original. Seu estado real, portanto, é de uma natureza perfeita, *diminuída* em seu funcionamento por um acidente que a deixou para sempre lesada. Ha, pois, um elemento constante de desordem na natureza do homem, tal como a obsevamos, que necessita de uma constante retificação. O homem tem de ser, pois, um ente constantemente ensinado, conduzido, ordenado. A pessoa tem nele de corrigir sempre o individuo. O homem perene tem de orientar sempre o homem efêmero. Pois a introdução do mal e do erro, na natureza humana, fez desses elementos de desordem outras tantas inclinação constantes para afastar o homem de sua origem e de seu destino natural.

Ainda aqui não coincidem o homem eterno, tal como é na realidade e como a revelação o completa (pois só a revelação e não a razão nos ensina, por exemplo, a perda da perfeição original do homem pela *queda*), e o homem moderno, tal como se apresenta à nossa observação. Pois este se julga, em regra, ou naturalmente bom ou naturalmente mau ou naturalmente mixto de bondade e maldade. Mas não, como nos ensina o humanismo integral, bom por natureza, decaído por acidente e regenerado pela encarnação de Deus. Esta fica fazendo parte integrante da história do homem sobre a terra, segundo a concepção cristã do mundo. O que faz realmente *chistã* uma filosofia, uma civilização ou uma vida humana, é colocar Jesus Cristo como o centro da história, do pensamento e da vida. O Cristo representa a regeneração do homem por Deus. E o tipo do homem que ele nos deu foi o do homem eterno e não o do homem moderno. Foi o do homem em suas características permanentes e não em suas idiosincrasias passageiras. O homem *sub specie aeternitatis* é o que vemos em Cristo, modelo do humanismo perene que transcende a todos os humanismos parciais, inclusive o moderno.

Para o homem moderno a queda é *dos individuos insolados* e não da *especie humana*, em bloco. E a regeneração também é individual ou pessoal, mas não divina. Daí a convicção moderna de que a *moral sem religião* basta para guiar

o homem; daí também a certeza de que a *pedagogia* pode levar o homem à plenitude de suas faculdades, independente também de qualquer disciplina transcendente; daí a afirmação de que o *regime* político ou social basta para dar ao homem a felicidade e a perfeição. Tudo isso são posições por excelência do homem moderno, em desacordo com o conceito cristão, da queda e da regeneração, que marcam uma intervenção divina no mundo como condição do progresso espiritual do homem. A *atitude religiosa* é pois um elemento *essencial* do Homem Eterno, ao passo que o homem moderno a considera ou como um anacronismo, ou, pelo menos, como um gesto facultativo e sentimental.

Para o homem eterno, tal como a Igreja nô-lo apresenta, todos os nossos atos devem ser considerados á luz da vida eterna. E essa consideração não é meramente meditativa ou doutrinaria, e sim amplamente *prática*. Cada dia, a cada hora, em face dos problemas mais quotidianos da vida, o que a Igreja nos ensina é colocar sempre o efêmero á luz do eterno. Ora, para o homem moderno, o conceito de vida eterna ou é panteístico e portanto tão inexistente como o dos materialistas que o negam, ou então é um conceito especulativo, sem repercussão na vida terrena.

Lembramos ainda que, para uma sã filosofia, o homem é um ser composto de forma e de matéria, na qual aquela é imortal, por natureza, e esta será imortalizada um dia, por uma intervenção divina final nos destinos do universo, — ao passo que para o homem moderno a distinção entre alma e corpo ou é inexistente ou é extremamente tenue e confusa.

O humanismo cristão subordina, portanto, os traços *modernos* do homem aos seus traços permanentes. A Igreja tem do homem um conceito filosófico e teológico que não muda e que é válido tanto para o homem contemporâneo de Cristo, como para o homem moderno de nossos dias.

Em qualquer latitude, em qualquer civilização, em qualquer momento da história, o homem não pode fugir a esses traços essenciais de sua figura, e será tanto mais perfeito quanto mais dele se aproximar. O homem é um só, por toda a parte e em todos os tempos. Mas pode assumir feições físicas, psíquicas, ou sociais particulares, de acordo como os elementos físicos, psíquicos ou sociais que nele influam. E o homem pôde ser moderno, sem deixar de ser eterno, desde que não faça da modernidade a medida do seu merito.

Vejamos, agora, á luz desses principios, os traços essenciais do Homem Eterno, tal como a observação nos revela, a razão nos recomenda e a Fé nos faz viver.

O homem moderno apresenta como primeiro traço de sua figura a propria *modernidade*. Isto é, timbra em ser moderno, e como tal, diferente, repudiando

sistematicamente a influencia do passado no presente. Para o homem eterno, a modernidade é apenas uma condição de adaptação ao mundo e á sociedade em que vive. *Não repudia a modernidade*, como faz o homem anacrônico ou extravagante. Mas coloca-a no lugar secundário que lhe compete. Ser moderno, para o cristão, é apenas um *meio* e não um *fim*. É um meio de viver em seu tempo, sem ser por ele repudiado e podendo agir sobre ele, levando-lhe os elementos de eternidades de que tanto o mundo necessita. A modernidade, portanto, não deve ser para nós nenhum *defeito*. Antes é uma imposição da vida, pois sabemos que, sejam quais forem os erros aparentes dos tempos, dos regimens ou dos homens, *os valores humanos são os mesmos*. O homem soviético, o ateu militante, o maçon de Azaña ou o anti-cristo mexicano são tão *homens* como o cura d'Ars. Por mais que a sua modernidade seja hostil á perenidade de um pobre de Cristo, valem tanto quanto este para a salvação de suas almas. E como sabemos que não ha homens *irremediavelmente perdidos* antes de exalado o último sopro de vida, nem épocas satânicas que não tenham oasis de santidade perfeita, não podemos nunca abandonar os homens e as épocas á *sua sorte*, como se diz. Temos sempre de agir sobre uns e outros.

O homem eterno, portanto, que creê nos valores eternos e quer introduzi-los *sempre* na sociedade — por mais anti-eterna que esta pareça — não pode rejeitar a modernidade como um erro. Aceita-a, adapta-se a ela, cultiva-lhe os elementos accessorios, fazendo-a *servir* á inoculação dos valores eternos que ela muitas vezes repudia por ignorancia ou preconceito.

O homem eterno, portanto, não é o anti-moderno e apenas o que *rejeita o preconceito da modernidade*.

O moderno afirma, em seguida, a *superioridade do presente sobre o pasado*. Rejeita-a o homem eterno, não por considerar que todo o passado é bom, mas porque não dá ao tempo um criterio de valor. O moderno em si não é bom nem mau. Será o que forem os valores que patrocinar. O mundo moderno não pode ser acêito nem rejeitado em bloco. E a seleção que nele fazem os modernos também é falsa porque operada em função do tempo.

Esse preconceito da superioridade do presente pode ser fruto de um propósito sistemático, mas em regra é apenas fruto de um *deixar-se viver*, como lei do menor esforço. O presente é o fato em via de consumir-se. Aceitá-lo na íntegra, fazendo dele um elemento de necessidade, é evidentemente mais facil do que selecionar, repudiar ou viver elementos. Ora, essa é a terafa do homem eterno. Ele aceita viver no presente, como imposição do fato fortuito de seu nascimento. Considera que sobre o presente é que deve atuar, pois é o que encontra á mão para isso. Mas tem de confrontar esse presente, no que se refere ao valor *homem*, com todos aqueles traços que *caracterizam* o tipo humano ideal ou pelo menos fundamental. Em tudo o que se aproximar desse *tipo*, aceita e defende o presente. Em tudo o que divergir, deve afastar-se dele. E se no passado encontra elementos que mais se aproximem do tipo humano em

si, deve renovar esses valores, sem se preocupar da *idade* que tenham. Nessa tarefa é que reside a grande atuação que o homem moderno pode ter sobre a sua época e sobre os modernos. Indiferente à pecha de passadista ou de anacrônico (sempre que não merecer essa pecha, pois pôde merecê-la e nesse caso erra tanto ou mais que o moderno, pois este ao menos tem a justificativa de endeusar o *seu tempo*, o que é um impulso natural e compreensível), indiferente à displicência ou à hostilidade com que o isolarem, deve o homem eterno mostrar que o passado só passa no que passa o presente — isto é, nos valores que merecem ser rejeitados. No mais, é tão vivo quanto o presente, e a sua volta ao presente é por vezes uma condição de vitalidade inesperada.

*
*
*

Vimos também que o homem moderno *repudia a distinção entre pessoa e indivíduo*.

Ora, essa distinção, que vamos encontrar na velha sabedoria chinesa, como em Aristóteles, na Idade Média como em autores de nossos dias, é desses traços constantes que marcam o homem em sua figura permanente. O homem eterno não pode aceitar essa diluição da pessoa, que é o elemento espiritual e estável do ser humano, no indivíduo que é o seu elemento material e variável. O mundo moderno, instável e materializado, acentua no homem os elementos individuais e desconhece ou desconsidera os elementos pessoais. A Igreja, ao contrário, no humanismo cristão que propugna, faz essa distinção e coloca a pessoa acima do indivíduo. Daí a sua apologia do Homem Eterno, isto é, do homem-pessoa, que subordina em si o que tem de passageiro ou de acidental, ao que tem de permanente e essencial. O cristão parece, por isso mesmo, um *conservador* exagerado, e assim é, por vezes, quando abusa dos fatores de permanência ou fica apenas neles. Mas o homem eterno, tal como o defende a concepção católica da vida, não é senão um elemento de conservação de tudo o que, no homem ou na vida, deve ser conservado, a despeito das mudanças de regimes políticos, de indumentaria ou de moda intelectual. Para isso é que devemos conservar todo o nosso sangue frio, mormemente numa época de transição como a nossa. Sendo os valores individuais, hoje em dia, mais prezados que os pessoais, porque estes implicam uma *permanência* difícil e um domínio delicado do espiritual sobre o instintivo, ainda mais difícil, mais necessário se torna o nosso estorço em prol do personalismo contra o individualismo. Longe, pois, de repelir a distinção entre pessoa e indivíduo, devemos divulgá-la o mais possível e mostrar no que implica a sua aplicação ao mundo moderno.

*
*
*

O homem moderno *nega, em regra, a existência de uma ordem sobrenatural*, a que está por sua própria natureza ligada a ordem natural.

Ora, o homem eterno é justamente aquele que tudo vê *sub specie aeternitatis*, à luz de uma ordem de coisas que transcende à ordem natural. Não que não reconheça a esta e não queira subordinar o homem à sua *lei natural*. Mas sabe que a natureza contém em si uma ordem que naturalmente a ultrapassa. E que, sem a Graça que a completa, fica mutilada a realidade das coisas. O homem eterno, portanto, não só aceita a existência de uma ordem sobre natural, como a considera como reintegrando e não como sucedendo à ordem natural. Isto é, o sobrenatural não é, para o homem eterno, a vida *depois* da morte, mas a *vida completa, durante a vida*. De modo que viver, para ele, é participar simultaneamente da natureza e da graça, uma completando a outra. O naturalismo é pois contrário ao homem eterno. A natureza, em suas formas deterministas e biológicas, não exgota o sentido do homem. É apenas uma parte dele. E não a parte mais importante. Toda a vida do homem, portanto, deve ser considerada à luz de uma ordem sobrenatural, que mede a cada momento seus atos.

Vemos, por aí, como é diverso o conceito do homem, privado dessa responsabilidade e do homem que a aceita. É a distância que vai da irresponsabilidade do homem moderno à responsabilidade do homem eterno. Este, sabendo que cada um de seus atos repercute em toda a sua vida e na vida dos outros (pela chamada "comunhão dos santos") — tem uma responsabilidade *infinitamente* maior do que aquele que apenas se sujeita às sanções do Estado ou de opinião pública, a que aliás *também não foge* o homem eterno, colocando-as apenas em segundo plano.

Daí a dificuldade muito maior de movimentos do homem eterno em relação ao homem moderno. É a apregoada lentidão de reações da Igreja em face do mundo. Apresentando aos homens um ideal de eternidade e não de modernidade, fazendo de *seus* homens criaturas responsáveis pelo menor de seus atos em face do Eterno, — é natural que daí resulte uma relativa morosidade de movimentos. Ao passo que os modernos se jogam sobre a ordem natural como o único plano de sua vida, movimentando com isso muito mais facilmente a sua atuação.

Temos assim outro elemento distintivo do homem moderno, — o *movimento*. Dinâmico por natureza, o moderno vê no movimento um fator de superioridade. E organiza a sua vida em função dessa contínua *transformação e agitação*.

O ideal do homem, para nós, não é o movimento, mas a *paz*, essa Paz que Cristo trouxe aos homens, do dever cumprido, do sofrimento aceito com alegria, da fé, da esperança e do amor. Daí ser a vida cristã do homem muito diversa da vida que o homem moderno convencionou chamar de *ideal*. Este vê no movimento um fator de superioridade. O cristão, ao contrário, vê na *mutação* constante, tão do agrado desse homem moderno, possuído de humanismo dialético, um fator de inferioridade. E louva na vida os elementos de serenidade, de

meditação, de recolhimento, de solidão, de delicadeza, de afetividade, de pureza, de prudência, de sabedoria que são inexoravelmente repelidos por uma vida moderna fiel apenas aos seus ideais dinâmicos de modernidade.

*
*
*

Se o homem moderno confunde assim agitação e vitalidade, — também *confunde os meios com os fins*, dando àqueles valor de finalidade. Ora, vimos que para a concepção *eterna* do homem, a consideração do último fim deve ser a nossa preocupação constante. Todo es seus atos são governados ao menos por uma dupla finalidade — o fim próximo e o fim último. Ora, esse último fim é um fator, não só de estabilidade, mas de superioridade sobre os meios. Estes não são indiferentes à vida humana, nem podem constituir fim em si, como faz o homem moderno, indiferente ao último fim e por isso mesmo exageradamente preocupado com os fins parciais e intermediários, que tendem sempre a substituir o fim último. Tudo passa a ser Deus, excépto Deus, segundo a sentença famosa. E dá-se então aquele fenómeno, também já apontado, de uma atribuição de valores absolutos a coisas relativas e, ao contrario, a relativização do absoluto.

Para o homem eterno isso representa uma desordem intolerável e uma deslocação de valores que diminue a todos, desde que desconhece a natureza de cada um e coloca-os em postos diversos daqueles a que a natureza os destinou. O Homem Eterno trabalha pois, constantemente, pela reposição de cada coisa em seu lugar, dando-se ao absoluto o que é do absoluto e ao relativo o que é do relativo. Vive preocupado com o *equilíbrio* das coisas. E daí a sua perplexidade e a sua dificuldade perante as épocas substancialmente *descentradas* como a nossa. Daí também a importância fundamental de sua tarefa. A Igreja é hoje, todos o sentem, o maior fator de equilíbrio do mundo agitado em que vivemos. Dentro do homem, como no seio da sociedade, sua função é de restaurar em tudo a *moral*, que é a adequação do homem às suas finalidades próprias, a *justiça*, que representa exactamente o equilíbrio nas relações entre os homens; e a *caridade*, que representa mais que o equilíbrio, a elevação de tudo a Deus, que é o puro amor, e afinal o *culto*, adoração e louvor continuos do Eterno.

Outro traço que apontamos, no estudo do homem moderno, foi a sua *inclinação à violência*. Uns negam isso e proclamam o seus amor à paz, à concórdia, à solidariedade. Mas como amam tudo isso de um modo puramente *humano*, com a exclusão de Deus (categoria "inútil") num mundo que desconhece a primazia do sagrado sobre o profano e tudo profaniza mais cedo ou mais tarde têm de aceitar a violência como *ultima ratio*, santificando-a momentaneamente depois de excomungá-la. As democracias são especialistas deste estado de espírito, e como o homem reflete sempre o espírito das instituições em que vive,

vamos encontrá-lo frequentemente no homem das modernas democracias. Nos regimes autoritários, o louvor da violência é, ao contrario, proclamado pateticamente. E como o heroísmo é dos bons valores que o homem moderno cultiva ou venera, faz em regra da violência um factor de heroísmo.

Ora, o que a sabedoria nos ensina é que a violência não se confunde com a força, que é a virtude do heroísmo, e sim com a fraqueza. E que é preciso cultivar sistematicamente a depreciação da violência e a apreciação de tudo o que se lhe opõe, a brandura, a humildade, a renúncia, a paz. Tudo aquilo que Nietzsche atacou como sendo uma diminuição do homem — é o que devemos exaltar nele como sua grandeza. O malentendido entre Nietzsche e o Cristianismo, foi mais ou menos semelhante ao que jogou Descartes contra a Escolástica. A escolástica que Descartes atacou foi uma sub-escolástica decadente e pedante, que mal refletia os grandes valores da Escola tradicional. O cristianismo contra o qual Nietzsche se insurgiu foi uma caricatura cristã, impregnada de liberalismo e de burguesismo. O verdadeiro Cristianismo não nega a dignidade da força e antes a coloca entre os dons da graça á natureza, e não desta áquela. Nega apenas a deturpação da força em violência, pela privação de sua fonte, que é o Espírito Santo e seu cultivo apenas, no homem, como virtude meramente humana.

Esse culto da força, deslocado do terreno da graça para o da natureza, é dos temas fundamentais do mundo moderno e do seu homem típico.

Como o é, também, a colocação do instinto acima da razão. O homem moderno não só é mas *quer ser* um homem de instintos. Ao racionalismo do homem do século XVIII, opõe ele o seu instintivismo, que mascára muitas vezes sob o titulo de *vitalidade*.

Ora, para o homem eterno ha uma hierarquia natural, irremovível, que subordina o instinto á razão. O que faz o predomínio do homem sobre todos os seres criados, é que possui tudo o que eles possuem e mais alguma coisa, que é a racionalidade. Inverter de novo a ordem dos factores é retrogradar, diminuir o homem e equipará-lo aos animais, guiados pelo instinto. A Igreja lembra sempre ao homem essa característica fundamental de sua natureza. E se bem que dê ao homem toda a liberdade no bom emprego de sua inteligência — afirma que esta leva necessariamente, quando bem guiada, ao conhecimento de Deus. O irracionalismo moderno é pois contrario ao modo de ser do homem católico. Este coloca também os valores vitais acima dos valores intelectuais contra o racionalismo. Mas não diminue esse conceito de *vida* ao nível de um instintivismo meramente biológico ou mesmo psicológico. A *vitalidade* do homem eterno é muito diversa do vitalismo do homem moderno. Este representa apenas uma tentativa de unificação das forças humana na base de um elemento comum a todas que é a *vida*. Ao passo que a vitalidade que o homem eterno cultiva é a que o deva do plano biológico da vida ao plano sobrenatural, da vida criada á vida em união com Deus, seu Cristo e sua Igreja. A supremacia da razão,

no homem, incorporado ao Cristo, não é pois uma negação do instinto, é apenas uma superação do que não é, no homem, especificamente humano e sim animal. A vitalidade do homem eterno é maior que a vitalidade do *moderno*. Pois este faz da essência da sua vitalidade o instinto, que lhe é comum aos seres inferiores — ao passo que aquele busca a sua vitalidade na participação de uma vida *infinitamente superior* a si.

Vimos também que o homem moderno acentua, na vida social, o valor de *coletividade* sobre a pessoa. Aproximá-se dele um conceito que, nesse terreno, nos deve governar: o de *bem comum*. A distância que vai entre *coletividade* e *bem comum* poderá ser nula se entendermos as duas expressões em sentido lato. Se lhe dermos, porém, o sentido próprio, veremos que a distância que medeia entre os dois conceitos é a que vai entre a sociedade considerada como massa e a sociedade considerada como uma coexistência de pessoas que nunca se anulam. A coletividade é a massa que se nupõe ao indivíduo, que o modela à sua feição, que nele marca as suas criações aparentemente mais originais. Assim o crêm tanto o *sociologismo*, como o *socialismo*, e mesmo os regimes políticos *totalitários*. A coletividade é um *Ser*, maior e mais real que o indivíduo.

Ora, a noção de bem comum, base da sociologia perene, não vê na sociedade um *Ser*, e sim um *modo de ser* das pessoas que a constituem. E o bem comum reside na conservação dos respetivos bens próprios de cada membro, ligados entre si por laços de justiça e de amor. A *lei do bem comum* é portanto a *lei social* por excelência do Homem Eterno, porque respeita religiosamente os direitos da personalidade, em sua verdadeira natureza. Ao passo que o homem moderno, tendo abusado da liberdade individualista, passou quasi insensivelmente à tirania da *coletividade*, ou do *Estado* que aceita e proclama.

Outro traço, que apontamos no homem moderno, foi o seu desdém pelos *principios* e a importância que dá aos resultados.

Ora, o que a Igreja inculca nos seus filhos é exatamente o contrario. Sua vida deve ser guiada sempre por grandes principios de ação, que representam, para a vida prática, o mesmo que os grandes principios metafísicos, para a vida especulativa. O homem deve sempre subordinar os seus atos aos seus principios, porque a Moral não é uma criação arbitraria do homem e sim um corpo de leis superiores à sua vontade e nas quais está naturalmente inserida a sua vida.

O homem moderno desconhece todo esse mundo invisível de caminhos entre os quais se orientam as ações do homem eterno. De modo que sua atuação é muito mais desembaraçada, mas também muito mais caótica. São os casos que o guiam. E como esses são variados e inconstantes, modifica com facilidade sua atitude em face dos acontecimentos. Ao passo que aqueles que seguem o tipo do homem eterno, sentem por certo muito mais tolhidos os seus movimentos, mas atravessam os acontecimentos numa linha muito mais reta e nivelada. O

homem moderno é sinuoso e imprevisível. O homem eterno deve ser constante e fiel.

O homem moderno se mostra apaixonado pela ação. E considera a contemplação uma atividade inferior.

Não é o que nos ensina a sabedoria tomista, que expressamente coloca, como o Cristo colocou, a contemplação acima da ação, se bem que o apostolado acima de ambos. Uma não contraria a outra. Mas a contemplação deve governar a ação e possui, pelo própria natureza de seu objeto uma superioridade intrínseca sobre a outra. O que ha de eterno, no homem, é a beatitude e não a agitação. Esta é um acidente de sua vida imperfeita e inferior. Aquela, o seu próprio destino ultimo. Erigir, pois, a ação como norma suprema da vida, para o homem, seria diminuir-lo de sua hierarquia integral.

A ação tem o seu posto capital no homem, mas subordinada à contemplação da verdade: assim preceitua a sabedoria cristã. Será, portanto, que a Igreja recomenda a fuga sistemática ao mundo moderno, ou a cultura apenas das expressões puramente contemplativas de sua vida? Sabemos que não é assim. E que a Igreja, realista como é, vê no mundo moderno o primado de ação. E chama a ele os seus fieis, mas pelo *apostolado*, fazendo da Ação Católica um preceito geral e capital para todos os seus filhos.

A função do cristão, no mundo moderno, porém, não é aceitar o seu ativismo como norma de vida e apenas como meio de atuar melhor sobre ele, pois só se atua sobre uma realidade moldando-se a ela. A tarefa do homem eterno no mundo moderno é trazer, *por meios ativos*, os valores contemplativos a animar de novo o homem, a família e a sociedade em geral.

O *amor das instituições*, como vimos, é outro dos traços característicos do homem moderno. Apenas, o que se nota é o prestígio das instituições políticas e econômicas, e a decadência, *a seus olhos*, das instituições dogmáticas e espirituais.

Ora, esse traço coincide, de um lado, com o conceito verdadeiro do homem, e por outro, dele se separa.

Pois o homem é um ser naturalmente institucional. O modo de ser de sua vida exige a formação espontânea de instituições sociais variadas, de cuja organização nasce a sociedade civil. A incorporação do homem à sociedade se faz justamente por meio dessas instituições variadas, que assumem a natureza das faces diversas de sua atividade — doméstica, política, económica, pedagógica, religiosa, etc.

O institucionalismo moderno corresponde portanto à natureza perene do homem. O que dele o separa, porém, é a importância *exagerada* atribuída à instituição *política* por excelência — o Estado — ou à instituição profissional o Sindicato, — em prejuízo das instituições familiares e religiosas. Esse falso

institucionalismo pretende emancipar o homem da Igreja e da Família, para o escravizar ao Estado ou ao Sindicato. Contrária, com isso, aquela natureza perene do homem, que deve superar os valores efêmeros de modernidade. O institucionalismo sadio distribúe a vida humana por esses grupos parciais, hierarquicamente distribuídos. Família, Escola, Sindicato, sob a égide dos dois únicos grupos sociais completo — a Igreja e o Estado. E como a Família é a sociedade vital por excelência, constitúe ela a base de toda a vida social.

O homem moderno deve, pois, ser conduzido a uma concepção mais exacta das instituições sociais. Sem o que, viverá uma vida artificial e perigosa para o bem comum. Pois fará do Estado um valor absoluto: subtrair-se á ao Corpo Místico do Cristo, de que é parte integrante, levando á sua vida religiosa os peores germens de insurreição e sentimentalismo: e destruirá o bem comum domestico, essa sociedade biológica e afetiva, que é o maior reservatorio dos seus valores de humanidade. Essa é outra das tarefas do homem ensinado pela sabedoria da Igreja, no mundo dominado pelo humanismo moderno.

Vimos também que a *insegurança* é o proprio ambiente do homem moderno, mas que, ao mesmo tempo, vive sonhando com uma existencia *assegurada* contra os riscos da vida.

Nesse ponto, vivemos todos inseguros, modernos e não-modernos, pois é uma condição do proprio mundo, da propria época em que nos foi dado viver. Época em que finda um mundo e começa outro, estamos todos a cavaleiro entre dois mundos, e não podemos pois ter a ilusão de que possamos alcançar uma verdadeira estabilidade social em nossos dias. O que nos distingue, porem, do homem moderno, é que este faz garbo dessa insegurança, ao passo que nós apenas a *toleramos*. E sabemos que inseguro é e será sempre, por natureza, o estado do homem sobre a terra. Logo, todo ideal de segurança que prescindia dessa condição ontológica do homem, na vida, parece-nos um ideal precario e errado. A segurança que desejamos, para o homem, é a sua incorporação nos grupos sociais que lhe pertencem, por natureza, e a adequação de todos os seus atos ás finalidades que lhe são impostas também pela natureza das coisas. Essa é a segurança transcendental que lhe pertence e que ele nunca perderá se se mantiver fiel aos valores perenes de sua humanidade. Se se deixar levar, porem pelos valores efêmeros, como o *moderno*, oscilará constantemente entre a sedução da insegurança como um valor de aventura essencialmente moderno e o desejo menos que humano de segurança apenas como repouso do animal na toca.

Outro traço do homem moderno é a sua *indistinção* entre valores de sexo, de idade e de condição social.

Ora, o que a natureza perene do homem nos ensina é que essas distinções não podem ser negadas sem que se afete a realidade essencial do ser humano.

Ha um modo de ser masculino e outro femenino; ha uma vida do adulto e outra da criança; ha uma diferenciação natural entre as varias clases sociais. Tudo isso é natural e portanto justo, pois a lei natural não é apenas *tudo o que se passa na natureza*, é sim o que representa uma comunicação da lei eterna, da lei divina, que é um caminho *para o bem* e não um curso cego dos acontecimentos, como querem o determinismo ou o fatalismo.

Ao humanismo cristão repugna toda essa equiparação de sexos, de idades ou de condições sociais — que o humanismo moderno pretende impor á sociedade. Ele vê na mulher uma psicologia á parte, uma sociologia especial, e certas condições biológicas particulares. E a vida humana adquire logo um feito totalmente diverso, quando a mulher nele desempenha o papel que lhe atribúe o conceito cristão da sociedade. O feminismo modernista masculiniza a mulher e arranca á vida todo um tesouro de qualidades morais e psicológicas — de graça, de pudor, de doçura, de inocência, de delicadeza, de emoção e de afeto. que a sociedade cristã deve possuir pelas mãos das companheiras fieis do homem. Uma tarefa importante, neste ponto, — do homem que não se deixou obcecar, hoje em dia, pelo preconceito da modernidade, é conservar ou restaurar os valores femininos na sociedade.

E coisa análoga sucede aos valores infantís. Para o homem cujo tipo perfeito de humanidade é o Cristo, a criança é o modelo de sabedoria, pela sua pureza, pela sua simplicidade, pela sua fé. O homem eterno, que devemos cultivar em nós, é justamente o homem que sabe conservar imunes, em sua alma, os valores imortais de sua infancia, ou pelo menos sabe voltar a eles, depois de perdidos. Para o humanismo modernista, porem, não é esse o sentido da primazia dos valores da infancia. O que ele quer é libertar a infancia do adulto, como libertára a mulher do homem. E isso para que todas as tendencias *boas ou más*, puras ou impuras, da alma infantil, possam livremente expandir-se. O que succede é que frequentemente volta a reproduzir-se o dominio do adulto sobre a criança, pois aquele o que quer é impor a esta uma certa concepção *sua* da infancia, que ha-de prevalecer, queira ou não queira a criança. O libertarismo infanti parra a ser imposto, como outrora a exagerada pressão da autoridade. É o *poncif* do "seculo da criança", como existe o *poncif* do feminismo, do eugenismo, do divorcismo e tantos outros.

Uma sociedade em que prevaleçam os valores eternos do homem, sobre os preconceitos do homem moderno, será uma sociedade em que toda essa diferenciação de sexos, de idades, e de condições sociais, — pois as diferenças de classes quando baseadas na *justiça*, são naturais ao homem em sociedade — se manifesta na variedade da convivencia humana.

Vimos ainda que o homem moderno faz da *contradição* o seu proprio modo de ser.

É inútil dizer quanto isso contrariaria um conceito sadio do ser humano. A lógica não é um instrumento artificial forjado pelo homem para trabalhar, a seu talento, a realidade das coisas. É o próprio funcionamento do espírito humano, *tal qual é*. Fugir a ele é pois trabalhar no vazio. Nada de mais sintomático da inconsistência de uma posição estritamente *moderna*, do que essa recusa à lógica tradicional da inteligência humana e sobretudo à coerência dos atos e das idéias. Convém aliás acentuar que esse culto da incoerência é muito mais inconsciente que consciente. O homem de nossos dias, mesmo quando se gaba de moderno e portanto de totalmente *emancipado*, de laços, obstáculos e tradições, não confessa* senão por pilheria, o seu propósito de fazer da contradição a sua lei. O que sucede é que, privado de princípios, sentindo-se e fazendo-se desligado de tudo, desconfiando de todo *sistema* de idéias por medo de prender-se (como se a pior das prisões não fosse justamente as malhas da contradição e do capricho), flutua o homem moderno ao sabor das suas preferências. E com isso cai frequentemente em contradição, o que o leva por vezes a fazer a apologia da contradição.

Devemos mostrar aos modernos que a incoerência e a contradição não aumentam em nada o patrimônio vital do homem, e constituem apenas uma homenagem à facilidade, à preguiça e à ignorância.

* . *

Eis aí, rapidamente esquematizados, os traços do homem tal como é em sua natureza permanente, em face dos sinais que hoje em dia encontramos como típicos do homem moderno.

A conclusão que tiramos não é de uma incompatibilidade sistemática entre os dois tipos de homem. Há traços do homem moderno de nossos dias, que coincidem com os do homem eterno ideal da humanidade, que a Igreja recomenda, por ser o que é o homem em sua natureza *perene*, e não o que *quer ser* ou *finje ser em dado momento da história*. Assim, a própria importância do *humanismo* (embora divirjam em certos traços essenciais), o valor atribuído às *instituições*; o culto à *vida*; a superioridade do *bem coletivo* sobre o individual; o espírito *reformador* e não conservador; a compreensão da *autoridade*; o amor da vida *arriscada* e dos valores *heroicos*, são pontos em que o homem moderno se aproxima mais do homem eterno, para cujo modelo nos aponta a Igreja, do que o *homem burguês*, por exemplo.

Vimos, por outro lado, que são grandes e profundas as divergências entre um e outro. É que o homem moderno, em numerosos aspectos de sua psicologia, contraria o ideal do homem *perene*.

A conclusão, pois, se impõe.

A grande tarefa de todos os que aceitam, como tipo de humanidade perfeita, o modelo que a Igreja foi buscar, não nesta ou naquela época ou em nossos dias, mas *na própria natureza eterna do homem* e no *modelo do seu Divino Fundador* — é procurar inserir no mundo moderno as qualidades sadias do homem eterno, de modo que a Idade Nova para que tende o mundo de hoje, seja, se possível, uma idade em que os valores eternos prevaleçam sobre os valores efêmeros. O condicionamento de nossa vida interior pela idade, pelo sexo ou pelo tempo nunca nos deve fazer esquecer que a natureza humana, *em si*, supera a todas essas condições. E que, se a medida de nossa vida efêmera deve estar em nossa vida eterna, não são as condições acidentais e sim as essenciais de nossa natureza, que nos devem governar. Para sermos, portanto fieis aos deveres para com a nossa idade, o nosso sexo ou o nosso tempo, sejamos antes de tudo atentos aos deveres para com a nossa *condição humana*, muito acima de todas essas categorias superficiais e transitorias.